

Levante e cante: um projeto de musicoterapia realizado com mães da Casa Ronald McDonald

PETERSEN, Elisabeth Martins¹

bethpet@ajato.com.br

MOUTA, Daysi Fernandes²

dmouta@terra.com.br

RESUMO: Este trabalho apresenta uma experiência de Musicoterapia – a CANTORIA³ - com mães e/ou acompanhantes de crianças/adolescentes com neoplasia, durante sua permanência em Casas de Apoio, no decorrer do tratamento oncológico do filho. A utilização de canções escolhidas dentre o repertório de cada uma aponta para a potência do canto coletivo como recurso terapêutico na ampliação do processo de “cuidar-de-quem-cuida”. Nessas circunstâncias, a música que emerge funciona como facilitadora da expressão dos sentimentos vividos por essas mães frente à nova realidade: doença /tratamento do filho/ perspectivas de futuro, distância da família e construção de novos vínculos sociais. Os resultados obtidos durante esses quase dois anos de atividade apontam para a elevação da auto-estima, o resgate da identidade feminina, a valorização do universo sonoro mútuo e a construção da coesão de grupo, despertando o desejo de realizações como a gravação de um CD, a criação de um coro para apresentações públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia, canto coletivo, empoderamento⁴.

I. APRESENTAÇÃO:

Este trabalho relata uma experiência de prática clínica no atendimento musicoterápico desenvolvido desde agosto de 2004, na Casa Ronald McDonald⁵–Rio de

¹ Graduanda de Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música–C.Universitário), Graduada em Piano (CBM) e Pedagoga. Coordenadora da equipe de Musicoterapia/CANTORIA com mães da Casa Ronald McDonald.

² Graduanda de Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário. Graduada em Musica Sacra (Seminário Teológico Batistado Brasil). Co-terapeuta da Musicoterapia/ CANTORIA com mães da Casa Ronald McDonald.

³ Nome idealizado pela MT MS Marly Chagas, supervisora do estágio iniciado pelas autoras em agosto de 2004, para tornar mais atraente uma atividade terapêutica onde o CANTAR em grupo fosse o foco principal.

⁴ Empoderamento é a tradução do termo inglês *Empowerment* que pode ser associado a Fortalecimento na Tomada de Decisões ou “...mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir” (COSTA, 2000)

⁵ Nome como é mais conhecida a Casa de Apoio à Criança com Neoplasia – CASA RONALD MC DONALD/Rio de Janeiro, destinada a “hospedar” até 33 (trinta e três) crianças/adolescentes com suas mães/acompanhantes que precisem submeter-se a tratamento oncológico e morem fora do Rio de Janeiro ou em situações que comprometam esse processo.

Janeiro (CR). A equipe objetivava oferecer um espaço terapêutico para as mães/acompanhantes de crianças e adolescentes portadoras de neoplasia, onde o CANTO pudesse ser um facilitador da expressão dos sentimentos vividos nas dualidades de alegria e sofrimento, prazer e dor, vida e morte, no enfrentamento de um tratamento oncológico, e poderem compartilhar suas angústias no processo de adoecimento dos filhos, a distância de suas famílias, e as novas situações de convivência comunitária.⁶

A Coordenadora do Setor dos Atendimentos Educativos e Psicossociais da CR indicou-nos, naquela ocasião, a demanda inicial do nosso público-alvo: as dificuldades de relacionamento entre as mães e a baixa frequência registrada nas outras terapias oferecidas pela CR⁷. Sugeriu, além disso, que déssemos um formato de *setting* aberto (itinerante) com o nome de CANTORIA/MT, de modo que se configurasse como um ponto de confluência para os que quisessem participar.

Os primeiros resultados, no decorrer do processo, começaram a demonstrar a coesão grupal. Aos poucos, as mães/acompanhantes participantes passaram a compreender a importância desse espaço destinado a elas para vivenciarem seus conteúdos internos através da música, e começaram a apontar a direção que o trabalho deveria seguir, ou seja, com objetivos terapêuticos, e a necessidade de mudança do formato do *setting*, que passou a ser fechado.

II. OBJETIVOS:

Nesse trabalho objetivamos demonstrar que :

- § a utilização do CANTO COLETIVO é um eficiente instrumento terapêutico no processo de auto-cuidado, de melhoria das inter-relações nesse novo ambiente em que convivem (inclusive com os filhos) e na auto-valorização de suas capacidades;
- § a música funciona como facilitadora da expressão dos sentimentos vividos por essas mães frente à nova realidade: doença e tratamento do filho, distância da família e construção de novos vínculos sociais;

⁶ CHAGAS, M. (2004)

⁷ A Casa Ronald McDonald (CR), através do Setor dos Atendimentos Educativos e Psicossociais, oferece aos hóspedes (crianças/adolescentes) e mães/ acompanhantes diversos atendimentos em: Arteterapia, Terapia Floral, Massagem Corporal, Psicologia, Musicoterapia.

- § essa prática musicoterápica pode tornar-se uma eficiente intervenção ecológica (ou comunitária)⁸ e suporte terapêutico em outros campos de trabalho semelhantes;
- § os aspectos lúdicos e prazerosos inerentes à experiência musical ajudaram a levar essas mulheres a resgatar uma identidade adormecida, experimentarem o prazer, enfim, de estarem juntas dedicando um tempo para fazerem algo para si mesmas – CANTAR – o que quisessem, do jeito que soubessem – e experimentarem participar de tomada de decisões em grupo para um objetivo comum.

III. METODOLOGIA:

O atendimento musicoterápico da CANTORIA é semanal, em formato de *setting* aberto, numa relação inter-ativa (BARCELLOS, 1992, p.20-21) entre musicoterapeutas e clientes, igualmente comprometidos nesse fazer musical, e com duração média de 1 hora (uma hora) a 1 h 30 (uma hora e meia).

As primeiras sessões aconteceram, a cada semana, num lugar diferente da CR, num *setting itinerante* - o que criava uma expectativa para musicoterapeutas e clientes – por representar uma experiência inovadora. Hoje, são realizadas num local fixo, fechado.

No início, éramos nós - os musicoterapeutas, que oferecíamos as primeiras canções, num claro objetivo de *desencadear*⁹ o processo musicoterápico.

Dessa forma, foi se criando um ambiente de confiança, de “consonância” entre musicoterapeutas e clientes (as mães), e que possibilitou, aos poucos, compartilharmos de suas canções: elas verbalizavam suas preferências musicais e pediam que as acompanhássemos (cantando junto e tocando), deixando emergirem as lembranças e emoções evocadas pelas canções.

Nesse processo, o próprio grupo escolhe as canções – populares, folclóricas ou religiosas - que serão “interpretadas” , *re-criadas*¹⁰, oriundas da história musical de cada uma das participantes, e cantadas em uníssono, o que apóia e ao mesmo tempo as encoraja.

⁸ BRUSCIA (2000, p. 238-239) classifica como prática ecológica em musicoterapia a possibilidade de “ultrapassar os limites das salas de tratamento” e se estender a outros níveis de relações, “para além da relação cliente-terapeuta... [:] entre o cliente e a comunidade, ...os membros da comunidade” e com objetivo de “produzir mudanças terapêuticas tanto nos indivíduos quanto no contexto ecológico” (ambiente físico), melhorando a saúde de ambos e ajudando-os a se relacionarem harmoniosamente.

⁹ A CANÇÃO DESENCADEANTE, conceito do Musicoterapeuta Murillo Brito (2001), é uma canção “amplamente difundida” do cancionário popular da qual “o musicoterapeuta pode, com grande margem de sucesso, lançar mão ... num contexto musicoterápico [para] estimular o paciente a começar a se expressar, desencadeando um processo ativo... [de] compartilhar de experiências musicais e sentimentos e sensações [advindas dessa canção]”

O teclado, principal instrumento utilizado por nós, funciona como “Instrumento Guia ou Continente”¹¹ (ZANINI, 2002, p. 102), ampliando as possibilidades de suporte melódico e harmônico, dividindo o espaço com o violão, e os instrumentos de percussão (estes, de menor interesse para as mães).

A *Re-criação Vocal* (BRUSCIA, 2000, 126-127)¹² de canções pré-compostas (com letras impressas ou de memória), é a experiência musicoterápica que mais lhes proporciona satisfação e prazer (mais que se acompanharem tocando instrumentos de percussão, e/ou improvisar):

“Uma pessoa se expressa em suas ações e movimentos e, quando sua auto-expressão é livre e apropriada à realidade da sua situação, experimentará uma sensação de satisfação e prazer produzida pela descarga da energia”.(LOWEN apud CHAGAS, 1997, p.19).

O grande valor dessa experiência está no respeito às singularidades de cada uma dessas participantes, à importância de trazerem “suas” músicas (ou fragmentos), na aceitação de um fazer musical sem juízo de valor (estético) e nos processos associativos desencadeados ao lembrarem das suas músicas: situações vividas, sentimentos despertados,

“...[uma] lembrança “*interior*”, desencadeada pela livre associação a partir do próprio fluxo do pensamento, musicante que se intromete na cadeia de significantes, como (...) uma fresta aparentemente casual, que (...) explicita ao pensamento algo sobre o sentimento relacionado a determinada idéia, palavra, frase, imagem ou situação vivenciada momentaneamente.” (MILLECCO Fº, BRANDÃO & MILLECCO, 2001, p.82)

A partir da consciência do próprio canto e da voz – individualmente ou no conjunto – as mães foram se tornando mais fortalecidas para lidarem com a doença dos filhos, exprimindo sua subjetividade. Mesmo vivendo a urgência do tratamento/cura, onde tudo gira em torno da “aceitação de ordens médicas”, elas percebiam a importância de terem um espaço de “terapia mesmo, numa grande família” (sic).

IV. RESULTADOS :

¹⁰ A “re-criação musical” é a técnica musicoterápica que consiste em se “cantar ou tocar músicas já compostas anteriormente”.(BRUSCIA, 1991,p.7)

¹¹ O “Instrumento Guia ou Continente”, para a autora, auxilia “na condução das melodias, dando um certo suporte ao que acontec(e) nas sessões musicoterápicas” (ZANINI, 2002, p. 102)

¹² Tipo de Experiência Re-criativa que “...inclui...reproduzir, transformar e interpretar qualquer parte ou o todo de um modelo musical existente...[com] objetivos clínicos [de] ... melhorar as habilidades interativas e de grupo...e saberem expressar suas idéias e sentimentos (suas identidades próprias), entendendo e adaptando-se aos outros”. (BRUSCIA,2000, p.126-127)

As canções surgem espontaneamente permitindo evocar lembranças, ajudando a trabalhar sentimentos/emoções/conflitos, a expressar os problemas vividos e a modificar estado de ânimo.

Por seu aspecto lúdico, cantar proporciona-lhes prazer e bem-estar, alívio de tensões e o resgate da identidade feminina adormecida pelo infortúnio.

Ao cantarem e ouvirem-se, trabalham o respeito mútuo, valorizam o universo sonoro umas das outras e estreitam as relações sociais.

A elevação da auto-estima e a construção da coesão de grupo fizeram despertar um potencial criativo para a concretização de projetos como a gravação de CD, criação de um coro e apresentações públicas em espaços externos e públicos.

Essas *Produções Musicais* (BRUSCIA, 2000, p.127)¹³ ajudam a criar uma expectativa para o amanhã, tornando-se um investimento na capacidade de criar algo próprio, transformando a auto-imagem, numa postura de maior confiança em si mesmas.

Para esses projetos, a seleção do repertório a ser apresentado é outro processo vivenciado e compartilhado, o que exigiu habilidade para pensar criticamente para uma tomada de decisões pelo grupo: o repertório deve contemplar as várias preferências de estilos distintos (*"pode ter música religiosa e música 'do mundo'?"* [sic]), o número de canções, a temática apropriada para o evento, os acompanhamentos instrumentais que mais lhes agradam para cada tipo de música, e até a participação eventual das crianças.

Essas mudanças refletiram-se também no ambiente da Casa. Nas reuniões de equipe, onde estão presentes (quase) todos os profissionais que prestam atendimento às mães/acompanhantes e hóspedes, é avaliada a amplitude dessa prática musicoterápica e comentadas as mudanças provocadas pela CANTORIA, tanto em relação às mães/acompanhantes quanto no relacionamento em geral, numa visão ecológica.

V. CONCLUSÃO :

A música é uma alternativa de expressão do mundo interno, subjetivo, e é tanto um catalisador como um continente seguro e confiável a serviço do *self*. (AUSTIN, *in* BARCELLOS, 1999, p. 79).

O canto coletivo funciona, na CANTORIA, como elemento estruturante das emoções (MILLECO F^o; BRANDÃO & MILLECCO, 2001, p.109); pode favorecer a

¹³ *Experiência Re-Criativa* que tem por objetivo de apresentar-se para uma "platéia", envolvendo o cliente em todos os preparativos, desde o planejamento até a apresentação (BRUSCIA, 2000, p.127)

continência das angústias deflagradas pela doença, e acentua a socialização, a criatividade e experiências estéticas.

Essa redescoberta de suas *capacidades de “Poder Cantar”* pode ser entendida como uma forma de empoderamento e vem mobilizando essas mães: elas sentiram-se encorajadas a se lançarem em projetos (sempre novos), perceberam a necessidade de trabalharem juntas com vistas à realização dos mesmos e adquiriram auto-confiança suficiente para exporem-se publicamente.

Compreenderam o que é possível realizar num espaço de convivência com a doença/ sofrimento, podendo extrair prazer e satisfação na construção de algo repleto de VIDA.

Essas mães caminham centradas na dor, na ansiedade, numa suspensão de algo que pode (ou não) se resolver - amputação, flagelo, perda, ganho, recuperação, cura - e esses projetos (gravação de CD, criação de um coro e apresentações públicas) acontecem como um desvio, embora paralelo, como um projeto possível de vida completa – com principio/meio/fim, diferente do experimentado até então (as dissonâncias pelo “gosto amargo” dos dissabores de digerir uma inversão na ordem natural das coisas – uma possível morte do filho antes da mãe).

Enfim, demonstraram sua importância, num movimento coletivo para contar/CANTAR como conviver com o câncer.

Como Millecco F^o, Brandão & Millecco (2001, p.79),

“... acreditamos que a principal função da música esteja relacionada com a necessidade humana de expressar seu mundo interno, subjetivo, onde as emoções têm nuances, movimentos, que estão à margem de uma descrição discursiva. É uma outra forma de linguagem, *um esperanto de emoções*, uma espécie de representação simbólica análoga ao sonho, à fantasia...”

Referências Bibliográficas:

AUSTIN, Diane. Canções do Self. In: BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Musicoterapia: Transferência, Contratransferência e Resistência*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999, p. 79

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Cadernos de Musicoterapia* nº 4. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BRUSCIA, Kenneth. *Definindo Musicoterapia*. Trad. Mariza Vellozo Fernandez Conde. 2ª ed. Rio de Janeiro, Enelivros, 2000.

_____. *Case Studies in Music Therapy*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 1991.

BRITO, Murillo. A Canção Desencadeante. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro, Ano IV, n. 5, p.94-97, 2001

CHAGAS, Marly. Musicoterapia em Psico-Oncologia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro, Ano IX, n. 7, p.22-23, 2004.

_____. Musicoterapia e Psicoterapia Corporal-Aspectos de uma Relação Possível. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro, Ano II, n. 3, p.17-25, 1997.

COSTA, A. A. Gênero, Poder e Empoderamento das Mulheres. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA, 2000.

MILLECO Fº, Luiz A.; BRANDÃO, Maria R.E.; MILLECCO, Ronaldo P. *É preciso Cantar - Musicoterapia, Cantos e Canções*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

ZANINI, Claudia R.O. Musicoterapia: Semelhanças e Diferenças na Produção Musical de Alcoolistas e Esquizofrênicos. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Ano V, n. 6, p.102, 2002.